

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

SHIRLEI FERREIRA FRANÇA SANTIAGO

**ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

SANTA MARIA DE JETIBÁ/ES

2021

SHIRLEI FERREIRA FRANÇA SANTIAGO

**ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Práticas Pedagógicas, do Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus* Centro-Serrano, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Práticas Pedagógicas.

Orientador/a: Katia Gonçalves Castor

SANTA MARIA DE JETIBÁ/ES

2021

S235 Santiago, Shirlei Ferreira França

Alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental / Shirlei Ferreira França Santiago. - 2022.

36 f.

Orientador: Katia Gonçalves Castor

TCC (Especialização) Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Centro-Serrano, Práticas Pedagógicas para a Educação Profissional e Tecnológica, 2022.

1. Alfabetização. 2. Sistemas de Ensino. 3. Estratégias de Aprendizagem. 4. Atividades pedagógicas. I. Castor, Katia Gonçalves. II. Título. III. Instituto Federal do Espírito Santo.

CDD 22 – 372.412

Bibliotecária: Gabriela de Oliveira Gobbi – CRB6-ES nº 825

FOLHA DE APROVAÇÃO

SHIRLEI FERREIRA FRANÇA SANTIAGO

ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL Trabalho Final de Curso, apresentado como requisito final para obtenção de grau de especialista em Práticas Pedagógicas pelo curso de Pós-graduação em Práticas Pedagógicas do Instituto Federal do Espírito Santo.

Data de Aprovação: 11 de Março de 2022

Banca Examinadora:

KATIA GONÇALVES CASTOR

Nome Professor/a Orientador/a

Instituição: IFES Campus Centro Serrano

Nome Membro Externo

Nome: MARCIA MOREIRA DE ARAUJO

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo

Shirlei Conceição Barth Schaeffer

Nome Membro Interno

Instituição: IFES Campus Centro Serrano

CIDADE Caramuru, ES

ANO 2022



Emitido em 05/07/2022

FOLHA DE APROVAÇÃO-TCC N° 2/2022 - CSE-CPGPP (11.02.20.04.01)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 05/07/2022 12:37)

KATIA GONCALVES CASTOR

RESPONSÁVEL - TITULAR

CSE-CPGPP (11.02.20.04.01)

Matricula: 1033998

(Assinado digitalmente em 05/07/2022 15:04)

SHIRLEI CONCEICAO BARTH SCHAEFFER

PROFESSOR DO ENSINO BASICO TECNICO E TECNOLOGICO

CSE-CGEN (11.02.20.01.08.02)

Matricula: 2316156

(Assinado digitalmente em 05/07/2022 13:27)

MARCIA MOREIRA DE ARAÚJO

ASSINANTE EXTERNO

*CPF: ***.845.017.***

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ifes.edu.br/documentos/> informando seu número: **2**, ano: **2022**, tipo: **FOLHA DE APROVAÇÃO-TCC**, data de emissão: **05/07/2022** e o código de verificação: **15259897e9**

RESUMO

A alfabetização de crianças continua a ser um grande desafio para a sociedade brasileira em geral, e para o educador, em particular. O presente trabalho de intervenção tem como tema refletir o processo de Alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental, elege como objetivo geral compreender, com base na perspectiva histórico-cultural, fatores que impactam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do ciclo de alfabetização da EEEFM “Alto Jatibocas”, no município de Itarana/ES. Foram consultados autores como: Ferreiro (1985), Vigostsky (2001 e 2021), Freire (2000), Oliveira (2010), Luria (2006), Soares (2018), o foco do trabalho será refletir sobre a importância do uso dos gêneros textuais no processo de alfabetização. A pesquisa tem caráter exploratória, descritiva e qualitativa e terá como instrumento metodológico a Roda de conversa e aplicação de questionários com os professores do Ciclo de alfabetização do Ensino Fundamental I do município de Itarana/ES, no período letivo de 2018 a 2021, localizada na zona rural do município de Itarana/ES. Por dimensão social estamos entendendo o caráter não-individual do processo. Conclui-se ressaltando a importância do trabalho com gêneros textuais em salas de alfabetização, esta metodologia precisa ser intensificada, pois tem muito a contribuir para a prática pedagógica.

Palavras-chave: Aprendizagem Significativa. Sistema de Ensino. Papel do Professor. Ludicidade, Afetividade.

ABSTRACT

Children's literacy continues to be a major challenge for Brazilian society in general, and for educators in particular. The present intervention work has as its theme to reflect the literacy process in the initial grades of elementary school, it elects as a general objective to understand, based on the historical-cultural perspective, factors that impact the teaching-learning process of students of the literacy cycle of the EEEFM "Alto Jatibocas", in the municipality of Itarana/ES. Authors such as: Blacksmith (1985), Vigotsky (2001 and 2021), Freire (2000), Oliveira (2010), Luria (2006), Soares (2018), the focus of the work will be to reflect on the importance of the use of textual genres in the literacy process. The research has exploratory, descriptive and qualitative character and will have as methodological instrument the Conversation Wheel and application of questionnaires with teachers of the Cycle of literacy of Elementary School I of the municipality of Itarana/ES, in the academic period 2018 to 2021, located in the rural area of the municipality of Itarana/ES. By social dimension we are understanding the non-individual character of the process. It is concluded by emphasizing the importance of working with textual genres in literacy rooms, this methodology needs to be intensified, as it has much to contribute to pedagogical practice.

Keywords: Meaningful Learning. Education system. Teacher's Role. Playfulness, Affection.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	O PESQUISADOR E SEU CONTEXTO	16
1.2	APRESENTANDO A PESQUISA	17
1.3	PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.4	JUSTIFICATIVA	17
1.5	HIPÓTESES	18
1.6	OBJETIVOS	19
1.6.1	Objetivo Geral	19
1.6.2	Objetivos Específicos	19
2	REVISÃO DE LITERATURA	20
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
3.1	TENDÊNCIA PEDAGÓGICA	26
3.2	TEORIA DE APRENDIZAGEM	28
3.3	PRÁTICA PEDAGÓGICA	30
3.4	CONTEÚDO A SER TRABALHADO NA PESQUISA	31
3.5	PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO DA LINGUAGEM ESCRITA	31
4	PROPOSTA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	33
5	METODOLOGIA.....	39
5.1	LÓCUS E SUJEITOS DA PESQUISA	39
5.2	METODOLOGIA DA PESQUISA	39
5.3	INSTRUMENTOS DE COLETA E PRODUÇÃO DE DADOS	40
5.4	METODOLOGIAS DE ANÁLISE DE DADOS	40
6	DISCUSSÃO DOS DADOS	41
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PESQUISADOR E SEU CONTEXTO

Meu nome é Shirlei, tenho 38 anos, casada e mãe. Sou formada em Pedagogia e Letras/Português, pós-graduada em “Alfabetização e Letramento” e “Informática na Educação”, e atuo como professora dos Anos Iniciais na rede Municipal e Estadual do Município de Itarana. Sobre a escolha dos cursos de graduação, se deu porque eu adorava ir para a escola, ficava fascinada com minha professora de Língua Portuguesa, como ela ensinava, o domínio que ela tinha com as palavras. Eu utilizava os livros disponíveis na biblioteca que a escola possuía, mesmo sendo poucos e viajava naquelas histórias ali contidas. Anos mais tarde, já casada e trabalhando assalariada, decidi cursar minha tão sonhada graduação, então resolvi fazer Pedagogia. No meu último ano de Pedagogia, por uma feliz e maravilhosa coincidência, uma colega me falou sobre o Processo Seletivo para o curso de Letras/Português EAD no Pólo de Santa Teresa. Resolvi tentar. Passei e concluí minha tão sonhada graduação em Letras. Hoje ainda não atuo na área. E cá estou eu, cursando minha Pós Graduação. Espero concluir com êxito, e colher os frutos dessa “plantação”. Analisando a minha trajetória escolar, de meus alunos, e a Pós-graduação num todo, escolhi como tema de pesquisa “Alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental”, pois acredito que diante das transformações que estamos vivenciando no mundo atual, os diversos contextos e realidades educacionais, preciso aprofundar o conhecimento e aprender a ter um olhar mais voltado para o contexto social dos nossos alunos enquanto educador. Durante a minha trajetória escolar, enfrentei realidades, que se eu fosse olhar hoje não teria uma formação profissional. A dificuldade financeira e falta de incentivo familiar foram obstáculos no meio do caminho. Ao iniciar minha trajetória profissional, me deparei com uma escola rural, numa comunidade pomerana. Atuo há 4 anos nessa mesma escola, e aprendi a observar os meus alunos e perceber as particularidades de cada um. Apesar de terem dificuldades, nota-se o brilho nos olhos a cada novo aprendizado. E para esses alunos, eu enquanto professor preciso fazer a diferença. Preciso conquistá-los para que não desistam no meio do caminho. Por isso acredito que a pesquisa para meu trabalho de conclusão será enriquecedora, e através do seu desenvolvimento, meu crescimento pessoal e profissional será grandioso, me permitindo vencer os desafios e proporcionar uma educação plena e de qualidade para meus alunos.

1.2 APRESENTANDO A PESQUISA

O presente trabalho tem como temática o estudo sobre a Alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental, e sua importância no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Apresentarei nesse artigo uma análise do olhar atento do professor sobre o educando numa perspectiva de uma educação onde todos os alunos sejam incluídos, relatando como o mesmo pode contribuir para a aprendizagem dos alunos como um todo.

O presente trabalho de pesquisa irá propor uma intervenção pedagógica em uma escola do campo do município de Itarana/ES, com alunos do 1º ano da EEEFM “Alto Jatibocas”, focando no processo de leitura e escrita. Os alunos da referida escola, possuem muita dificuldade no processo de alfabetização, eles chegam à escola falando a língua pomerana, que é a maneira como se comunicam em suas casas.

A Constituição Federal de 1988, assegura a educação a todos e qualquer indivíduo, independentemente de raça, classe social ou cultura. A Lei de Diretrizes e Bases da educação afirma que A educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Diante disso o presente trabalho observará alguns princípios que irão garantir uma educação de qualidade, sempre atenta à real necessidade de cada aluno, garantindo a eles a oportunidade do aprendizado.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante desse contexto, o estudo tem como objetivo responder ao seguinte questionamento: **Como a alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental será capaz de mudar a realidade de muitos educandos quanto as dificuldades e desinteresse pelos estudos, incluindo os mesmos, de forma que estes avancem na sua vida escolar?** Sendo assim, este estudo buscou analisar e conhecer a necessidade do professor utilizar práticas pedagógicas diversificadas atendendo assim as especificidades de cada aluno, contribuindo de maneira eficaz no seu processo de aprendizagem.

JUSTIFICATIVA

Antigamente, trabalhava-se com a ideia de que, as dificuldades de aprendizagem se davam devido a fatores socioculturais, e com isso buscava justificar o aprendizado dos alunos por aptidões naturais, diagnosticando e rotulando aqueles que não aprendiam dentro da “normalidade” imposta pelas escolas. Ainda hoje estas ideias se fazem presentes em alguns ambientes escolares, nas “recompensas” para aqueles que entregarem a atividade proposta ou tirar maior nota. No entanto sabemos que existem outras formas de avaliar o aluno, capazes de avaliar seu desempenho e aprendizado, pois, para Vasconcelos (2006, p. 58) “A avaliação possibilita que o professor possa estar acompanhando a construção do conhecimento pelo educando, verificando os vários estágios de desenvolvimento dos alunos e não os julgando apenas num determinado momento”. Antigamente buscava-se justificar as dificuldades de aprendizagem, através da raça ou até mesmo do ambiente social em que vivia o indivíduo, tentando justificar tanto seu desenvolvimento quanto sua personalidade. Dessa forma, segundo Patto (2007) os testes psicométricos passaram a serem usados em maior escala, diagnosticando crianças com dificuldades de aprendizagem em virtude de deficiências ou carências culturais, rotulando alunos e estigmatizando-os, dificultando, portanto, o processo de inclusão desses indivíduos nos sistemas escolares de ensino regular.

O projeto de intervenção pedagógica que será apresentado aborda sobre a utilização dos gêneros textuais na alfabetização. A necessidade de aprofundar o assunto surgiu em virtude de observações feitas nas salas de alfabetização em escolas onde atuei como professora nos últimos anos e analisando minha prática pedagógica quando trabalhei em salas de alfabetização na rede municipal.

1.4 HIPÓTESES

A partir dos anos 80, começou então, o questionamento do papel da escola diante das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Diante disto, passou a surgir vários estudos em os quais relatam as dificuldades de aprendizagem como consequências de uma educação desqualificada, passando para as escolas a responsabilidade pelo insucesso dos alunos. Isso ocorreu devido ao grande equívoco de se emparelhar em um mesmo grupo, crianças com dificuldades de aprendizagem com as que sofriam consequências de um ensino defasado.

O professor assume um papel de grande relevância no contexto escolar, tendo sua relação com os alunos, grande influência desde a motivação até a formação crítica e social dos mesmos. Essa influência pode contribuir de forma positiva ou negativa, e tudo vai depender do olhar desse educador acerca das necessidades e individualidades de seus alunos.

A hipótese inicial é de que os gêneros textuais chegam as salas de aula de maneira fragmentada, sendo trabalhados isoladamente e sem contextualização, desta forma é dada maior ênfase aos gêneros do que a alfabetização, assim o processo fica prejudicado.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo Geral

Compreender, com base na perspectiva histórico-cultural, fatores que impactam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do ciclo de alfabetização da EEEFM “Alto Jatibocas”, no município de Itarana/ES., reforçando a importância de o professor trabalhar leitura em sala de aula, por meio do desenvolvimento do trabalho com diferentes gêneros textuais.

1.5.2 Objetivos Específicos

- Identificar e produzir diferentes gêneros textuais e observando sua utilidade no seu dia a dia;
- Verificar quais gêneros de leitura contribuem para potencializar a alfabetização dos alunos;
- Aprimorar o desenvolvimento de competências e habilidades de leitura e escrita, por meio da utilização de diferentes gêneros textuais, para que o aluno produza e interprete textos de maneira contextualizada;
- Produzir projeto de intervenção com foco nos gêneros textuais em sala de Alfabetização, anos iniciais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura do presente trabalho teve como descritores, as seguintes palavras: Alfabetização; Gêneros textuais; Prática Pedagógica. O recorte temporal da busca se estendeu a trabalhos publicados entre os anos de 1985 e 2021. Mesmo sendo um tema muito discutido e estudado, foi necessário lançar mão de trabalhos publicados com datas mais antigas, como o livro de Paulo Freire de 1996 e a LDBEN de 1996, pois são importantes para a educação.

No passado a alfabetização se dava por meio das cartilhas onde os alunos reproduziam o que estava escrito decorando frases sem sentido. Com a mudança de paradigmas a postura dos professores é outra, nos dias atuais os alunos são alfabetizados por meio de textos diversos que circulam no seu dia a dia, ficando assim a aprendizagem com mais significado e contextualizada. “Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita (...)” (PCN’s – op. cit., p.36).

Ao valer-se do uso de diversos gêneros textuais em sala de aula, a escola colaborando para que o processo de leitura, de escrita e de produção textual, não seja algo mecânico sem aplicabilidade, pois eles estão em toda parte e a todo o momento na vida de qualquer indivíduo, isto fará com que os alunos se tornem leitores ativos e críticos.

O ensino da leitura é muito importante na vida de qualquer indivíduo, o professor sabendo disso precisa desenvolver em sala de aula um ensino que faça com que o aluno se torna competente como leitor, ele deve buscar práticas que sejam eficientes e a leitura seja realizada de maneira crítica, com significado e sabendo qual a sua função social.

O professor precisa apresentar aos alunos textos diversos e não apenas histórias, utilizamos textos diferentes para nos comunicarmos e o aluno não pode ser privado dessa riqueza de conhecimento. Os PCN de Língua Portuguesa enfatizam a necessidade de trabalhar essa diversidade:

- ler autonomamente diferentes textos dos gêneros previstos para o ciclo, sabendo identificar aqueles que respondem às suas necessidades imediatas e selecionar estratégias adequadas para abordá-los;
- produzir textos escritos, coesos e coerentes, dentro dos gêneros previstos para o ciclo, ajustados a objetivos e leitores determinados; (PCN vol. 2, 1997. p.79 e 80)

O termo “gênero” nem sempre foi utilizado para nomear todos os tipos de textos, apenas os literários eram assim chamados, nos dias atuais esta nomenclatura ganha uma extensão maior, a língua é responsável por toda comunicação humana e esta admite o uso de diferentes gêneros (VIEIRA; APARÍCIO, 2020).

Os gêneros textuais se tornam uma ferramenta importante no estudo da compreensão da língua falada, pois os mesmos são utilizados a todo momento para a comunicação, por este motivo é interessante que o professor desenvolva em sala de aula um trabalho voltado para oportunizar os alunos o conhecimento dos mesmos e sua função no processo de comunicação (VIEIRA; APARÍCIO, 2020).

Marcuschi (2005) assegura que os gêneros textuais são:

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem aparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedade anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

A mais perfeita escolha para desenvolver um trabalho voltado para o ensino de gêneros textuais é colocar os alunos em circunstâncias reais de utilização da fala, de maneira que obtenham, de forma criativa e clara, os meios necessários para os fins que se almeja conseguir. É indispensável existir a ideia de que a escola é um verdadeiro espaço de diálogo e que deve promover situações onde os alunos possam produzir e entender os textos em sua totalidade (VIEIRA; APARÍCIO, 2020)

O aluno deve produzir e estudar textos próximos de sua realidade, por isso a diversidade de textos de faz necessário, as produções precisam fazer sentido, ele precisa saber que o que ele está produzindo é útil para ele ou para outra pessoa. Estas ações fazem com que o aluno compreenda a função dos textos que está lendo e produzindo, assim entenderá que cada texto tem suas particularidades, promoverá o domínio sobre eles.

Segundo Oliveira (2010), o trabalho com textos em sala de aula recebeu uma abordagem característica no instante em que os PCNs de Língua Portuguesa confirmaram a sua seriedade.

Simultaneamente com a sugestão de leitura e produção de textos, nascem a obrigação de se trabalhar os gêneros textuais.

Conceituamos gêneros textuais como diferentes tipos de textos, estes podem ou não ser literários, com finalidade social, são utilizados como uma forma de estruturar a linguagem podem ser argumentativas ou narrativas. Os gêneros textuais contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento do letramento, por isso é uma ferramenta que deve ser explorada para o ensino de linguagem (OLIVEIRA, 2010).

Ao chegar na escola a criança tem o conhecimento prévio de gêneros textuais, mesmo que ela não tenha conceitos e não saiba ainda ler e escrever, o professor precisa partir destes conhecimentos e ampliá-los. No convívio familiar ela é apresentada a um noticiário, um comercial, um bilhete, uma música, uma placa, desta forma, o trabalho com gêneros textuais vai ser prazeroso, dinâmico e significativo para a criança. O Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa afirma a respeito dos gêneros orais.

Ao ingressarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e linguística para comunicar-se em interações que envolvem relações sociais de seu dia a dia, inclusive as que se estabelecem em sua vida escolar. Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos (BRASIL, 1997, p.24).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O professor alfabetizador poderá descobrir que o conhecimento da leitura e da escrita é acessível a muitos, mas que é preciso saber como interpretar os procedimentos da alfabetização desenvolvidos para a sala de aula. Deve-se compreender que as atividades de interpretação e de produção de escrita começam antes da escolarização, ela se insere em um sistema de conceitos pré-elaborados (VIGOTSKY, 2021).

Quando o adulto fornece informações sobre um texto, a criança processa este texto embasado em suas concepções infantis. Devemos então pensar qual o papel dos professores quanto à aprendizagem. Cabe ao professor deixar a criança descobrir por si mesma, criar condições para esta descoberta ao invés de oferecer a chave secreta do sistema alfabético.

O conhecimento do aluno é construído por sua experiência em produzir seus textos, usando sua elaboração própria, reconstruindo com seu esforço pessoal: o professor deve ser o mediador desta construção. Às vezes, esta construção parece estranha aos olhos do professor alfabetizador, mas este deve compreender o que a criança pensou ao escrever aquela escrita (VIGOTSKY, 2021).

A criança escreve do seu jeito e de forma limitada porque possui poucos conhecimentos, tem poucos recursos. O professor precisa se dispor a ajudar, deve promover a sua interação com o idioma de forma agradável e sem cobranças exageradas.

Em qualquer campo de atuação, o conhecimento profissional representa o conjunto de saberes que habilita o indivíduo para o exercício da profissão – no caso do professor é o conjunto de saberes que o habilita para o exercício do magistério, que o torna capaz de desempenhar todas as suas funções profissionais (FREIRE, 2000).

Este repertório de saberes permite ao professor gerir a informação disponível e adequá-lo, estrategicamente, às situações que se colocam, a cada momento, sem perder de vista os objetivos previamente definidos. Não se pode considerar conhecimento profissional um conhecimento que não favoreça o exercício autônomo e responsável das funções profissionais que, no caso do professor, são marcadas consideravelmente pelo contexto, pelo imprevisível, pelo imponderável (OLIVEIRA, 2010).

O comprometimento do professor consigo mesmo deve ser total. A capacidade de realizar um bom trabalho tem de superar todas as expectativas. Deve saber gerenciar sua sala de aula com amor e dedicação, que é a chave do sucesso de todos – professor e alunos. O professor deve ter coragem de fazer diferença com iniciativa e sem desperdiçar sequer uma oportunidade de mediar, problematizando a interação da criança com a linguagem escrita. Aprender a observar, a duvidar, a interrogar-se sobre o seu trabalho (FREIRE, 2000).

O conhecimento se constrói num processo que exige do professor decisões que levam em conta a maneira como o aluno está pensando em cada situação, fazendo-o interatuar com o idioma escrito e intervindo de modo a maximizar a aprendizagem. É também construído pela experiência da criança em produzir, por meio de elaboração própria, de pesquisa, de reconstrução e do esforço pessoal, compartilhados com os colegas e com o professor – mediador do processo. O professor deve fazer intervenções inteligentes, evidenciando a incoerência das suas hipóteses, sem exigir que os alunos façam tudo sem cometer erros. Não pode se intimidar pelo erro, pois ele faz parte do processo. O professor desafia o aluno, permitindo que ele escreva "do seu jeito", em várias ocasiões e diariamente. O professor "provoca" e a resposta da criança vai se modificando a cada nível do seu desenvolvimento. As atividades devem ser curtas, adequadas à capacidade do aluno, criativas e lúdicas. Quando as construções "estranhas" do aluno assustam o professor, sua tarefa é neste momento procurar compreender como a criança pensou e dar importância às suas tentativas de escrever e produzir (ZILBERMAN, 2003).

Esse conhecimento subsidia a prática docente e norteia o planejamento da ação pedagógica no decorrer de todo o processo.

O professor não deve ter medo do fracasso sabendo que cada construção toma tempo, implica um grande esforço cognitivo da criança para superar as perturbações até compreender cada questão e evoluir.

A vida nos devolve o resultado da nossa dedicação e do nosso esforço. Não é analisando seu comportamento que o muda, mas sim quebrando os padrões habituais, a rotina. O professor deve construir grande competência profissional e melhorar sua qualidade de vida e de seus alunos. É necessário posicionar-se politicamente, e conciliar a prática pedagógica com o sonho político. Segundo FREIRE (1997, p.21):

"...o ensino não é a alavanca para a mudança ou a transformação da sociedade, mas sei que a transformação social é feita de muitas tarefas pequenas e grandes, grandiosas e humildes! Estou incumbido de uma dessas tarefas... A questão agora é pôr minha prática ao lado de meu discurso. Isto é, como posso ser coerente em classe".

Ao entrar para a alfabetização a criança entra num mundo novo, desconhecido, longe do que está habituada, e se vê obrigada a enquadrar-se no local. Cabe ao professor encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais. Para que este processo seja prazeroso, é preciso que o professor:

- Ofereça o máximo de atividades que exemplificam os usos da escrita ao apresentar palavras novas, aproveite os acontecimentos que estejam mobilizando a turma, como, festas, músicas, brincadeiras e fatos que sejam, da sua própria cultura;
- Mostre que os livros são importantes para uma boa formação;
- Faça de sua sala de aula um ambiente propício à leitura, promovendo o dia da leitura e montando um painel com as histórias trabalhadas pelos alunos;
- Faça com que as crianças descubram todo prazer que a escrita e a leitura possam lhes oferecer;
- É imprescindível que cada professor esteja ciente de que cada criança tem seu ritmo próprio, cada um se encontra numa fase diferente que é individual, mostrando-se aberto a toda produção dos alunos para que sejam melhor compreendidos. Assim, o estímulo dado será bem mais apropriado, indo ao encontro das reais necessidades do grupo tornando o processo da leitura e da escrita mais agradável para o aluno e para si mesmo.

A postura do professor deverá ser de segurança, compreensão, equilíbrio e, acima de tudo, muito amor pelo que faz. WEIZZ (1999) aponta algumas competências para os professores alfabetizadores:

- Encarar os alunos como pessoas que precisam ter sucesso em suas aprendizagens para desenvolverem-se pessoalmente, para terem uma imagem positiva de si mesmo, orientando-se por este pressuposto;
- Desenvolver um trabalho de alfabetização adequado às necessidades de aprendizagem dos alunos, acreditando que todos são capazes de aprender;

- Reconhecer-se como modelo de referência para o aluno: como leitor, como usuário da escrita e como parceiro durante as atividades;
- Utilizar o conhecimento disponível sobre os processos de aprendizagem dos quais depende a alfabetização, para planejar as atividades de leitura e escrita;
- Formar agrupamentos produtivos de alunos, considerando seu conhecimento e suas características pessoais;
- Selecionar diferentes tipos de textos apropriados para o trabalho;
- Responsabilizar-se pelos resultados obtidos em relação à aprendizagem dos alunos.

O desenvolvimento dessas competências profissionais é condição para que os professores alfabetizadores ensinem todos os seus alunos a ler e a escrever. No entanto, NÓVOA (1992) sinaliza que para que o professor atinja este nível de maturidade, é preciso: "práticas de formação que tomem como referência as dimensões coletivas que contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção de seus saberes e de seus valores".

Agindo desta forma, o professor estará mais livre para selecionar métodos e técnicas, buscando os rumos e o ritmo que considera mais adequado, colocando sensibilidade acima de qualquer modelo preestabelecido. O pensamento nos remete a CARVALHO (1994): "... é que a competência do professor, seu envolvimento com o trabalho, atitude encorajadora e confiante em relação aos alunos pesam muito mais para o sucesso da alfabetização do que propriamente o método".

3.1 TENDÊNCIA PEDAGÓGICA

É fato que nos últimos anos a educação brasileira vem passando por grandes transformações. Transformações estas, que ainda vem encontrando muitos desafios no que se refere às políticas públicas voltadas para o seu desenvolvimento. O fazer pedagógico vem sendo bastante questionado por aqueles educadores que se mostram comprometidos com a educação num todo, na busca da formação de cidadãos críticos/reflexivos engajados numa educação

voltada para a aprendizagem como um processo articulado. Na busca por uma melhor qualidade do ensino, alguns teóricos ao longo dos anos foram desenvolvendo teorias que tem ajudado a nortear as nossas práticas pedagógicas. As tendências pedagógicas contribuem para tornar o trabalho docente mais consciente, mais voltado para seu público alvo. Isso tem possibilitado um maior aprofundamento do processo ensino aprendizagem, permitindo o melhor direcionamento por parte do docente, e contribuindo assim para o desenvolvimento de uma prática docente estruturada, que alcance o educando com maior facilidade.

Como perspectiva educacional vou citar aqui a Tendência Pedagógica Crítica, a qual são feitas críticas das realidades sociais e defendem um posicionamento sociopolítico para a educação. Um dos seus principais pensadores é Paulo Freire. Libâneo (2006) às classifica em Libertadora, Libertária e Crítico-social dos Conteúdos. A tendência libertadora, também conhecida como pedagogia de Paulo Freire, objetiva a transformação da prática social das classes sociais populares. A tendência libertária procura a transformação da personalidade num sentido libertário, autonomia de alunos e professores. Por fim, a crítico-social dos conteúdos que prioriza focar os conteúdos no seu confronto com as realidades sociais. Com isso, a tendência pedagógica crítica tem como objetivo a assimilação dos conteúdos, a reflexão crítica sobre esses conteúdos na vida dos estudantes e em sua realidade social. Nessa tendência a relação interativa entre professor e aluno, onde ambos são sujeitos ativos, é o seu ponto forte.

A prática pedagógica propõe uma interação entre conteúdo e realidade concreta, visando a transformação do aluno e da sociedade onde ele se integra. Para que os objetivos propostos para uma educação de qualidade sejam alcançados em sua totalidade, é preciso ter claro a concepção de educação a ser seguida, assim como suas características como método de ensino. A pedagogia crítica destaca um trabalho baseado no diálogo, onde “a práxis (ação-reflexão-ação) daí advinda, além de transformar a realidade social, forma e transforma o próprio sujeito fazedor pensador desta práxis” (Andrade, 2011), e esta precisa ser inserida na prática diária dos professores. A função da escola é oferecer o saber a todos de forma emancipadora. O professor direciona o processo pedagógico e cria condições para a apropriação dos conhecimentos, partindo da realidade social dos envolvidos. Sendo assim, o que podemos ver na tendência citada, é uma preocupação com a transformação social do educando, uma busca por um aprendizado pleno, porém diante da realidade educacional em que vivemos em nosso País, faltam ações e investimentos que possibilitem a problematização

e avanço da prática dessas tendências tornando possível vencer os velhos paradigmas educacionais.

3.2 TEORIA DE APRENDIZAGEM

No decorrer do desenvolvimento da disciplina “Processo de Ensino e Aprendizagem”, pude compreender que as teorias de aprendizagem buscam reconhecer a dinâmica envolvida nos atos de ensinar e aprender, tendo como ponto de partida a importância da evolução cognitiva do ser humano e, assim tentam esclarecer a relação entre o conhecimento já existente e o novo conhecimento (VIGOTSKY, 2021).

Com isso, podemos destacar a teoria de aprendizagem de Jean Piaget, biólogo que dedicou sua vida a observar cientificamente o processo de aquisição de conhecimento do ser humano, e revolucionou o modo de encarar a educação de crianças ao mostrar que elas não pensam como os adultos e constroem o próprio aprendizado. Piaget criou um campo de investigação chamado epistemologia genética, no qual defendia que “o indivíduo passa por várias etapas de desenvolvimento ao longo da sua vida” (Piaget. 1962). Esse desenvolvimento pode ser observado através da sobreposição do equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, o que vai resultar na adaptação, fazendo com que o ser humano possa assimilar os dados que obtidos do exterior, mas, uma vez que já tem uma estrutura mental que não está "vazia", precisa adaptar esses dados à estrutura mental já existente. Nesse sentido, o papel do professor frente à essa tendência, é criar situações que permitam ao aluno seu desenvolvimento cognitivo, criando assim atividades desafiadoras. Com essas atividades, o conhecimento passa a ser construído por meio da interação com o meio. Durante o processo vão haver limitações, e por isso o professor precisa se reinventar, e se adaptar, para que o processo de ensino aprendizagem aconteça de forma plena. Sabemos que tal teoria tem grande contribuição na educação atual. Os educadores precisam desenvolver uma educação diferenciada, enquanto facilitador do processo de ensino aprendizagem levando em conta a realidade sociocultural dos alunos. Partindo dessa análise reafirmamos a necessidade de uma reflexão contínua sobre nossa prática docente, buscando aprofundar o nosso conhecimento, para assim, propor metodologias inovadoras que levem à melhoria do processo ensino-aprendizagem no âmbito escolar. Precisamos acreditar que, ao ensinarmos, devemos ter clareza de: O QUE e COMO ensinar e PARA QUEM estamos ensinando. É extremamente necessário que, ao concluir o

processo de formação, o aluno seja capaz de se desenvolver crítica e reflexivamente no meio em que vivemos, atuando nessa realidade, buscando transformá-la.

É evidente o apoio de PIAGET, de suas pesquisas para no campo educativo. Ele garante que a aprendizagem é um procedimento fundamentalmente equilibrante, porque faz com que o princípio da cognição procure inovações nas maneiras de decodificar e envolver a realidade enquanto o estudante aprende. O desenvolvimento cognitivo infantil se produz de acordo com PIAGET, assim que o sujeito estabelece projetos de assimilação para aproximar-se da realidade e, quando assimila, ele congrega a realidade a seus projetos de atuação, fixando-se ao ambiente. Na proposição de PIAGET, acha-se caracterizados os períodos de desenvolvimento mental, contudo é respeitável destacar que a passagem de um período para o outro não advém de modo abrupta (ANDRADE, 2011).

Seu pensamento já não está mais centrado em seu ponto de vista. Organiza o mundo de maneira coerente e operatória. Já completa e concretiza as conservações do número, da substância e do peso. Pode usar os signos convencionais e arbitrários (palavras). A escrita pode ser imaginada como um sistema de indicador e de reprodução. Como código, os elementos já vêm prontos e como reprodução, a aprendizagem se compõe em uma construção pela criança (PAULA, 2019).

Para tornar a aprendizagem significativa, professores e alunos devem conceber a construção do conhecimento entre ambos, ou seja, assim como não é somente o professor que ensina, também não só o aluno aprende. Durante a fase de desenvolvimento, a criança vai experimentando situações que se configuram em pré - requisitos que serão importantes para o processo da alfabetização. Esses estímulos podem surgir de forma espontânea por meio de atividades do dia a dia; porém, se algum fator interfere para aquisição dessas estruturas, faz-se necessária a mediação do educador ou terapeuta (MOURA, 2019).

Ao trabalhar a escrita como código, a educação privilegia os jeitos preceptivos e motor, afinidade escrita e som e a definição é desconsiderado. A criança precisa entender que a escrita é um sistema simbólica de representação da realidade, que não tem significado em si, mas representa um outro contexto. Embora tais contribuições tenham se incorporado como conquistas importantes no caminho da alfabetização escolar, algumas dificuldades e dilemas se abrigaram a partir da exagerada centralização nas grandezas conceituais em detrimento da

sistemática metodológica do ensino desse componente em construção (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985).

Para Emília Ferreiro, toda criança passa por quatro níveis de alfabetização: pré-silábico, a criança não conhece o alfabeto, inicia as primeiras tentativas fazendo desenhos, percebe que a escrita representa o que ela fala; silábico, a criança já possui mais conhecimento e faz correspondência entre a fala e a escrita, utiliza rabiscos na tentativa de representar as letras; silábico-alfabético, nesta fase a criança percebe que a sílaba é formada por mais de uma letra e faz combinações entre vogais e consoantes e o alfabético, a criança já percebe o modo de construção da escrita.

Segundo Vygotsky "[...] leitura como um ato de reconstrução dos processos de produção". Quando mais a criança ler, melhor ela irá pronunciar as palavras e conseqüentemente, melhor será a sua escrita. Além do aprimoramento do conhecimento do professor, por meio de capacitações, a ética e o profissionalismo de toda a sociedade em relação às questões educacionais são uma sugestão de autenticidade do processo educacional e respeito às crianças que pagam um preço muito alto por serem mal interpretadas. Afinal, a autenticidade só se dá por meio da diversidade. O diferente, o curioso e a novidade são aspectos que impulsionam a humanidade (LA BANCA, 2019).

3.3 PRÁTICA PEDAGÓGICA

As tecnologias educacionais estão cada dia mais entrelaçadas com a qualidade do ensino. Quanto mais buscamos inovar na nossa prática pedagógica, mais elas nos permitem aplicabilidades pedagógicas inovadoras que contribuirão para o alcance de resultados diferenciados, voltados para a democratização do acesso ao ensino. Diante das observações feitas no decorrer do meu ensaio teórico, reforço a necessidade das instituições observarem a forma com que os recursos tecnológicos estão sendo utilizados pelos professores como ferramentas pedagógicas em sala de aula, pois faz-se necessário atenção e assimilação de informações prestadas aos alunos, afim de que seus conhecimentos sejam alcançados, e ocorra uma aprendizagem satisfatória, e que essas ferramentas não sejam utilizadas como meras formas de distração, sem objetivos educacionais a serem atingidos, como vemos muitas vezes nas escolas, quando professor não sabem utiliza-las, por falta de conhecimento e domínio das

mesmas. O professor precisa compreender as teorias da aprendizagem, bem como ter domínio das tecnologias, e as metodologias a serem aplicadas durante o processo pedagógico, devendo as mesmas andarem juntas.

3.4 CONTEÚDO A SER TRABALHADO NA PESQUISA

No passado a alfabetização se dava por meio das cartilhas onde os alunos reproduziam o que estava escrito decorando frases sem sentido. Com a mudança de paradigmas a postura dos professores é outra, nos dias atuais os alunos são alfabetizados por meio de textos diversos que circulam no seu dia a dia, ficando assim a aprendizagem com mais significado e contextualizada (FREIRE, 2019).

O aluno em sala de aula não pode ler por ler, precisa compreender a diversidade de textos e a finalidade de cada um no seu dia a dia, por este motivo um trabalho contextualizado precisa ser desenvolvido e é de fundamental importância para o aprendizado das crianças, principalmente na fase de alfabetização. Assim sendo, a Intervenção Pedagógica que será apresentada terá como conteúdo Gêneros Textuais (ZILBERMAN, 2003).

Desde a hora que o ser humano acorda ele utiliza algum gênero textual, assim sendo eles fazem parte de nossa vida, o trabalho com gêneros textuais, além de enriquecer a aula, também oportunizará o aluno sua utilização no cotidiano. Se para que haja uma boa e eficiente comunicação, faz-se necessário compreender como a mesma funciona e aí a diversidade de textos se torna imprescindível, no sentido de compreendê-los e utilizá-los de maneira adequada para cada situação (OLIVEIRA, 2010).

3.5 PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO DA LINGUAGEM ESCRITA

Os estudos de Vigotsky (2001) e Luria (2006) são base muito importante para explicar como as crianças desenvolvem os processos psíquicos da aprendizagem da linguagem escrita muito antes delas irem para escola, estes estudos são elementos fundamentais para compreender o processo de alfabetização (FRANCIOLI, 2012).

O primeiro estágio do desenvolvimento da escrita não acontece quando as crianças entram na escola e realizam suas primeiras atividades em seus cadernos. As origens datam de muito antes, quando entra na escola a criança já ganhou habilidades e agilidades que a tornará apta a aprender a escrever em um espaço de tempo bem curto (LURIA, 2006).

Ainda segundo Luria (2006), para que a criança desenvolva de maneira mais rápida a escrita, será necessário analisar as técnicas de escrita a serem utilizadas e o cuidado ao se substituir uma técnica pela outra. A criança compreende de fora para dentro, desta forma ela ainda não percebe o sentido e mecanismo quanto ao uso das letras.

O processo da escrita é compreendido pela criança após ela passar por estágios e realizar inúmeras tentativas de registro de acordo com seu pensamento. Assim sendo, novas formas culturais são desenvolvidas na criança, e suas funções psicológicas superiores são formadas, para Luria (2006), isto se faz necessário para que a criança domine o sistema da escrita, e o autor como sendo um excelente instrumento de cultura (FRANCIOLI, 2012).

Segundo Ferreira (1985), a criança aprende sozinha, isto porque não necessita pedir autorização a ninguém para começar a aprender, para ela a construção da escrita pela criança passa por três períodos muito importantes de evolução, e que estes, não precisam ser ensinados a criança, porque ela aprende qualquer hora em qualquer lugar, sem necessariamente ser apresentada ao ensino sistemático. As crianças são sujeitos ativos da sua aprendizagem, de acordo com a autora, elas procuram compreender a linguagem ao seu redor, elas formulam hipóteses, submetem a análise a gramática fruto de sua própria criação, não havendo apenas reprodução do modelo ofertado pelos adultos.

As obras de Vigotsky (2001), deixam bem claro que a criança não se desenvolve com qualquer aprendizagem que lhe é oferecida, apenas uma aprendizagem de qualidade poderá desenvolvê-la. E para se ofertar uma boa aprendizagem, faz-se necessário entender que a escrita é uma prática cultural, por isso é muito importante, que a mesma seja compreendida como um sistema de símbolos e signos que foram determinados historicamente e socialmente e que os mesmos darão apoio às funções psíquicas do indivíduo (FRANCIOLI, 2012).

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Para Francioli (2012), a comunicação verbal acontece por meio da utilização de um gênero textual, eles são acontecimentos intensamente ligados à história cultural e social de todo ser humano e se formam como ações que não se pode dominar que trazem o papel de classificar e consolidar as atividades do dia a dia.

As mudanças não devem acontecer somente no interior das salas de aula, os próprios professores de Língua Portuguesa e o MEC não utilizam a nomenclatura gêneros textuais e sim termos como tipos ou modalidades. A produção de texto não é uma atividade atual, mas precisa ser revista para que exerça de fato sua importância no mundo da comunicação (LURIA, 2006).

Torna-se fundamental que os alunos entendam que texto não consisti em um arranjo de palavras escritas tradicionalmente com na maioria das vezes é trabalhado na escola, texto é algo que diariamente utilizamos quando desejamos nos comunicar com alguém, seja escrito ou oral. O professor tem a função de trabalhar com os alunos diferentes gêneros textuais e mostrar para eles onde e quando estes aparecem em seu dia a dia (MARCHESONI, 2021).

Elaborar uma intervenção pedagógica trabalhando com gêneros textuais irá colaborar para que os alunos superem suas dificuldades na leitura e escrita e proporcionará um trabalho contextualizado, onde eles possam ser identificados no seu dia a dia.

Abaixo será apresentado um quadro geral com o planejamento da ação de intervenção pedagógica, em seguida, de maneira detalhada cada aula, indicando o tema a ser trabalhado, os objetivos da aula, os conteúdos pertinentes, a metodologia que seria utilizada, os recursos didáticos necessários e a maneira como a avaliação se realizaria (VIEIRA; APARÍCIO, 2020).

Quadro 1 – Planejamento geral da intervenção pedagógica

Momentos	Data	Descrição	Carga Horária
----------	------	-----------	---------------

Momento 1	07-02-22	<p>Reconto da história da Chapeuzinho Vermelho</p> <p>Solicitar aos alunos para recontarem a história da Chapeuzinho Vermelho. Fazer a leitura em voz alta. Desenho da cena que mais chama a atenção.</p>	
Momento 2	08-02-22	<p>Gênero textual carta.</p> <p>Conversar com as crianças sobre o gênero CARTA, sua utilização como meio de comunicação. Perguntar se eles já escreveram ou receberam uma carta. No quadro colocar os passos para a escrita de uma carta. No coletivo esse escreveremos uma carta da vovó para a mãe da Chapeuzinho, falando que está com saudades e que gostaria da sua companhia no final de semana.</p>	
Momento 3	09-02-22	<p>Confeccionaremos um cartaz escrevendo a carta produzida na aula anterior e entender o conteúdo REMETENTE e DESTINATÁRIO. Produzir um envelope de dobradura e colocar os nomes</p>	
Momento 4	10-02-22	<p>Gênero textual “receita”. SISTEMA DE MEDIDA</p> <p>A mãe da Chapeuzinho foi fazer um bolo de chocolate, que a vovó adora. Trabalhar com as crianças a escrita utilizada nas receitas. Calcular o dobro utilizando os dados de uma receita de bolo.</p> <p>SISTEMA DE MEDIDA UTILIZADA NA RECEITA.</p>	
Momento 5	11-02-22	<p>Gênero textual “cartaz”</p> <p>Quando estava indo para a casa da vovó, a Chapeuzinho viu uma placa com o aviso que o caminho por ali estava interditado.</p> <p>Produziremos individualmente um cartaz o aviso do motivo do caminho está impedido de passar. Cada aluno pensará em um problema e produzirá o seu</p>	

		cartaz. Conversar sobre a importância e a necessidade de uma placa para nos avisar sobre algo.	
Momento 6	14-02-22	Gênero textual “bilhete” Ao chegar à casa da vovó, Chapeuzinho viu pregado na porta um bilhete da vovó. Conversaremos sobre a importância do bilhete e seus passos. Vamos pensar o que a vovó escreveu para a Chapeuzinho e cada um produzirá o seu bilhete.	
Momento 7	15-02-22	Produção do Convite. À noite, antes de dormirem, Chapeuzinho conversando com a vovó decidiu fazer uma festa na floresta. Chapeuzinho e a vovó iniciaram a escrita dos convites, mas elas não sabem os passos da escrita. Vamos ajudá-las! No quadro serei a escriba e produziremos o convite. Depois os alunos copiarão no caderno	
Momento 8	16-02-22	Ordem alfabética. Lista Chapeuzinho e a vovó decidiram enviar convites para personagens das histórias infantis e começaram a escrever uma lista de convidados. Vamos ajudá-las a escrever a lista! Os alunos escreverão os nomes em seus cadernos e depois, faremos as correções, ajudá-los a organizar a lista de convidados em ordem alfabética. Conversar sobre a necessidade da lista, onde podemos usá-la.	
Momento 9	17-02-22	Cardápio. Chapeuzinho e a vovó estavam com quase tudo pronto, estava faltando o cardápio do que iriam servir para agradar às visitas, pois tinham	

		<p>convidados e vizinhos.</p> <p>Falar sobre a importância do cardápio e de saber a quantidade de pessoas que comparecerão, para não faltar comida e todos ficarem satisfeitos.</p> <p>Montaremos o cardápio coletivamente e depois eles copiarão no caderno.</p>	
Momento 10	18-02-22	<p>Desenho. Pintura.</p> <p>O dia da festa chegou, todos estavam muito contentes e uma linda self foi tirada. Fazer um lindo desenho representando essa self que foi tirada.</p> <p>Logo depois de desenhar e colorir, os desenhos serão expostos.</p>	
Carga Horária Presencial			
Carga Horária Total			

Fonte: Elaborado por Shirlei Ferreira França Santiago (2021).

Quadro 2 – Desenvolvimento do Momento 1

	Unidade Didática	Metodologia	Recursos Didáticos	Avaliação
1	História da Chapeuzinho Vermelho	Contar a história para os alunos.	<p>- Livro de história</p> <p>- lápis e borracha</p> <p>- lápis de cor</p>	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula

2	Passos para escrita de uma carta	Escrita de uma carta	- quadro - pincel - caderno - lápis - borracha	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula
3	Conhecendo os lados de um envelope	Dobradura confeccionando envelope	- craft - pincel - folhas A4 - lápis - borracha	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula
4	Conhecendo sistema de medidas	Trabalhando com receita de bolo	- receita de bolo de chocolate - caderno - lápis - borracha	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula
5	Escrevendo um cartaz de aviso	Produzir um cartaz aviso a partir de uma situação comum	- folha A4 - canetinha - lápis - borracha	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula
6	Conhecendo passos de um Bilhete	Escrita de um bilhete	- caderno - lápis - borracha	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula

			- quadro - pincel	
7	Escrita de um Convite	Produção de um Convite coletivamente	- caderno - lápis - borracha - quadro - pincel	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula
8	Ordem alfabética e escrita de uma Lista	Escrever lista com nomes em ordem alfabética	- caderno - lápis - borracha	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula
9	Escrita de um Cardápio	Produção de um Cardápio	- quadro - pincel - caderno - lápis - borracha	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula
10	Desenho e pintura	Ilustração da foto tirada.	- folha A4 - lápis - lápis de cor - borracha.	Os alunos serão avaliados observando a participação durante a aula

Fonte: Elaborado por Shirlei Ferreira França Santiago (2021).

5 METODOLOGIA

Em virtude do momento pelo qual estamos passando com a pandemia do Coronavírus, não será possível colocar em prática o projeto de intervenção que se propõe, desta forma optou-se por uma metodologia baseada na revisão de literatura. Abaixo será relatado a proposta que se pensou a princípio.

5.1 LOCUS E SUJEITOS DA PESQUISA

A proposta de Intervenção Pedagógica apresentada tem como lócus a EEEFM “Alto Jatibocas”, situada na área rural do município de Itarana, ES, serão alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental, uma turma com 19 alunos. É uma comunidade pomerana, onde os alunos chegam a escola falando a língua pomerana, pois é a língua falada em casa pelos familiares, desta forma a alfabetização fica um pouco mais complexa, necessitando de práticas pedagógicas dinâmicas e contextualizadas que sirvam de incentivo aos alunos. Na oportunidade, será desenvolvida uma roda de conversa com 4 professores para que eles possam expor suas opiniões a respeito da utilização dos Gêneros Textuais no processo de alfabetização.

5.2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A consulta para levantar referências já analisadas e publicadas se deu principalmente em páginas de web sites. Por meio de pesquisa no site nos assuntos sobre a utilização de Gêneros Textuais no processo de alfabetização, foi possível encontrar diversos artigos científicos, capítulos de livros, resenhas e resumos sobre o assunto.

Para evitar um grande número de textos o primeiro “filtro” foi selecionar aqueles relacionados ao tema principal: A utilização da prática pedagógica lúdica Gêneros Textuais na alfabetização. Inicialmente, selecionaram-se os textos de síntese e só depois foi dada atenção àqueles que traziam dados para serem analisados e interpretados.

Será uma pesquisa exploratória descritiva, pois terá o intuito de ampliar o conhecimento sobre o tema e assim ter subsídios para abordá-lo com eficiência.

Segundo (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 51-52), a pesquisa

Pesquisa exploratória é quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 51-52).

Será uma pesquisa qualitativa, pois a mesma proporciona um aprofundamento do tema em estudo, sendo o pesquisador o principal instrumento no processo.

5.3 INSTRUMENTOS PRODUÇÃO DE DADOS

A técnica para coleta de dados será a pesquisa bibliográfica considerada uma fonte secundária, pois se vale de registros de estudos já realizados a respeito do assunto e como fonte primária as respostas dadas pelos professores, em uma roda de conversa, sobre o conhecimento que possuem quanto a utilização dos gêneros textuais no processo de alfabetização. Os professores trabalham na escola, mas não moram na comunidade, moram na sede do município, se deslocam todos os dias de bis e carro e superam muitas dificuldades na estrada principalmente em dias de chuva por ser estrada de chão e ter muita lama, ficando escorregadia. A entrevista aconteceu no momento de planejamento coletivo que acontece uma vez por semana.

5.4 METODOLOGIAS DE ANÁLISE DE DADOS

Os resultados e discussões que serão apresentados foram baseados na revisão de literatura realizada, por não ter acontecido a prática do projeto de intervenção em virtude da pandemia Coronavírus, e nas respostas dadas pelos professores em uma roda de conversa sobre o conhecimento dos mesmos sobre: alfabetização e letramento, gêneros textuais e o uso dos mesmos na alfabetização dos anos iniciais.

6 DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos dados se deu por meio do embasamento teórico dado pelos autores e as respostas dadas pelos professores em roda de conversa.

Nas respostas dadas pelos professores, foi possível observar que de uma maneira ou de outra, eles tentam trabalhar com gêneros textuais. Diante das respostas foi visível observar que as produções realizadas pelos alunos estão muito distantes do desejado.

Eles disseram que alfabetizar letrando é o correto, que estes dois processos não acontecem separadamente. A função da leitura e escrita é melhor compreendida se a alfabetização acontecer com o letramento. Alfabetizar para eles é apenas decodificar palavras e letrar é utilizar a leitura e escrita no seu cotidiano.

Para mim quando o aluno é capaz de ler e escrever entendendo o que ele está fazendo, isso é alfabetização. Não podemos dizer que uma criança está alfabetizada só pelo fato dela ler, se ela não sabe fazer uso da sua leitura e escrita, então não há alfabetização, isto não é alfabetizar letrando. Se uma coisa não acontece separada da outra, se ocorrer não se atingiu o objetivo (Professora do primeiro ano)

Quando você mostra para a criança onde ela encontra no seu dia a dia o que está ensinando, você está alfabetizando letrando, a criança precisa entender e visualizar a sua escrita e leitura, assim a alfabetização acontece de maneira real e significativa (Professora da terceira série)

Percebe-se que as respostas são bem semelhantes, e Soares reforça a colocação dos professores quando diz que:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2018, p.15)

Com relação aos gêneros textuais, compreendem que os mesmos são uma proposta diferente de apresentação da escrita, e que os alunos tem contato diário com os mesmos dentro e fora da escola.

O trabalho realizado com gêneros textuais é muito rico, pois são textos que as crianças percebem no seu dia a dia, dentro e fora de casa, elas percebem que não é

um texto distante da sua realidade, ela percebe que está aprendendo algo que já utiliza e que já conhece (Professora do segundo ano)

No início eu sentia um pouco de insegurança, achava que as crianças não estavam preparadas para a leitura e escrita de gêneros textuais, mas depois ao conversar com elas e ler sobre o assunto percebi que elas já possuíam conhecimento sobre o tema, elas sentem desejo de aprender porque é algo do seu mundo, alfabetizar através do que está contido no mundo da criança tem muito mais significado (Professora do primeiro ano)

Suas falas vão de encontro com o relatado nos PCN's:

Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e interpretar textos, não é possível tomar como a unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizadas, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é a questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exigem. (BRASIL, 1997, p.29)

A utilização de gêneros textuais, principalmente no processo de alfabetização, auxilia no desenvolvimento da cidadania, o aluno terá mais autonomia na leitura e sua capacidade de interpretação e reflexão de textos terá mais criticidade.

O trabalho com gêneros textuais é muito gratificante e contribui muito no processo de alfabetização, principalmente se você trabalha com um gênero que os alunos gostam, levá-los a perceber quando são utilizados, onde são encontrados, é muito prazeroso no processo (Professora do terceiro ano)

Ao término da conversa conclui-se que para a utilização desta metodologia em sala de aula os professores precisam de formação e segurança, as falas não transmitem segurança pelos mesmos, nota-se que utilização é simplesmente para que o trabalho seja diferente, mas não é dada a devida importância e credibilidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após concluir a pesquisa entendo a importância do trabalho com gêneros textuais em salas de alfabetização, esta metodologia precisa ser intensificada, pois tem muito a contribuir para a prática pedagógica, este trabalho não tem a pretensão de esgotar os estudos, mas incentiva a uma busca constante de novos estudos, gerando novas discussões com o intuito de aprimorar a aprendizagem dos alunos.

Todos nós estamos constantemente em contato com diferentes gêneros textuais. Assim desenvolver um trabalho em sala de aula utilizando gêneros textuais se faz necessário, pois, a partir da identificação das características de cada um e sua função social, o professor estará formando leitores e escritores autônomos e críticos. O professor, ao utilizar gêneros textuais no processo de aprendizagem da alfabetização, tornará suas aulas mais dinâmicas, atrativas, significativas, o aluno notará que o que está aprendendo faz parte da sua vivência, obtendo mais êxito em sua aprendizagem.

O professor precisa conciliar alfabetização e letramento quando trabalhar com gêneros textuais para que obtenha resultados positivos. Essas aprendizagens não podem ser desenvolvidas separadamente, pois se houver uma alfabetização sem letramento o aluno apenas irá decodificar letras sem fazer o entendimento total, tornando assim, leitores sem criticidade, e se for contrário uma defasagem irá acontecer também, o aluno não aprenderá ler e escrever.

Após a pesquisa, nota-se a importância dos gêneros textuais no contexto da alfabetização, por intermédio deles os alunos podem se tornar leitores e escritores mais críticos e autônomos. A pesquisa reforçou o conceito de que a alfabetização e o letramento precisam caminhar juntos para que se tenha sucesso no processo de aprendizagem. O estudo foi muito importante e uma excelente contribuição para professores que atuam em salas de alfabetização e que ainda não haviam colocado em sua prática o uso dos gêneros textuais, reforçou que os mesmos colaboram de maneira significativa para uma melhor aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. T. Ainda em pauta a alfabetização, a leitura e a escrita. **Revista Contemporânea de Educação**, n. 12, ago./dez., 2011.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 1997.
- CARVALHO, A. **Utopia e Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: ArtesMédicas, 1985.
- FRANCIOLI, F.A.S. **Contribuições da perspectiva Histórico-Cultural para a alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2012. 226 p. Tese de Doutorado. Unesp Araraquara. 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1997, Paz e Terra. São Paulo.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Campinas: Cortez, 2019.
- LA BANCA, R. O. Posicionando a criança no centro do seu cuidado: reflexões sobre o desenvolvimento cognitivo e o letramento em saúde infantil. **Rev. esc. enferm. USP** v.53 n. 2, p. 1-6, 2019
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- LURIA, A. R. **O desenvolvimento da escrita na criança**. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.) **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006, p.143- 189.

MARCHESONI, L. B. et al. Letramento e alfabetização de jovens e adultos: um trabalho com gêneros textuais do cotidiano. **Dialogia**, São Paulo, n. 37, p. 1-19, jan./abr. 2021

MOURA, A. A. A Psicopedagogia na alfabetização de crianças com dificuldades de aprendizagem. RPGE– **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 23, n. 1, p. 85-102, jan./abr., 2019.

NÓVOA, A. **Formação de professores e formação docente. In: Os professores e a sua formação, do mesmo autor.** Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992

OLIVEIRA, M. S. Gêneros textuais e letramento. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 325-34, abr.jun.2010.

PATTO, M. H. S. (2007). Escolas cheias, cadeias vazias: nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. **Estudos Avançados**, 21(61).

PAULA, G. C. R. A Prática de leitura interdisciplinar nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas da rede municipal da sede no município de São João do Sóter – Maranhão. **PSICOLOGIA & SABERES**, v.8, n.10, p. 1-25, 2019

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universidade Freevale, 2013.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2018.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. Avaliação: Concepção Dialética – libertadora do processo de avaliação escolar. 16 ed. São Paulo: Libertad, 2006.

VIEIRA, F. S. S.; APARÍCIO, A. S. M. Sequência didática de Gênero Textual: Uma Ferramenta de Ensino da Escrita no Processo de Alfabetização. **HOLOS**, v.1, p. 1-15, 2020.

VIGOTSKY, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia, educação e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11. ed. **Revista, atualizada e ampliada.** São Paulo: Global, 2003.